



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

15 DE MARÇO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF

DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA
POR OCASIÃO DO 3º ANIVERSÁRIO
DO GOVERNO

Brasileiros:

Mais de mil dias decorreram desde a minha investidura, em 1979, na Presidência da República. Conheceu o Mundo, nesse período, mormente na área econômica e social, acontecimentos de suma gravidade. Pela sua repercussão planetária, esses sucessos, que abataram a estrutura da economia internacional, tornaram a minha tarefa, normalmente complexa, ainda mais árdua, absorvente, inquietante. Vivemos hoje sob o signo do econômico, sob uma espécie de religião do crescimento, sob a ansiedade da afluência. Sem negar ou minimizar o papel da produtividade no universo social e político, é bom que se atente, contudo, igualmente, para outros fenômenos, de capital influência no jogo das relações humanas. Ao completar o terceiro ano do meu mandato, reparo, por exemplo, que, nesse período, vieram juntar-se a nós quase nove milhões de brasileiros. Até o fim do meu período governamental, isto é, dentro de três anos, possuiremos, aproximadamente, mais nove e meio milhões

de habitantes. Logo, durante os meus seis anos de Governo, o nosso crescimento populacional será, mais ou menos, de dezoito milhões de pessoas. Está claro que esse acréscimo demográfico repercutirá na economia, agravando-lhe as dificuldades. Será preciso alimentar, vestir, educar, dar habitação, garantir a saúde, dar emprego a essa legião de novos brasileiros, com quem teremos de dividir as nossas alegrias e aflições. A História ensina que esses novos peregrinos, chegados sob as nossas bênçãos, são, às vezes, ruins de contentar. Mordidos, freqüentemente, por vocação contestatória, renegam os valores culturais do passado, como se estes pudessem ser recolhidos, sumariamente, ao cemitério das idéias caducas. Via de regra, esses surtos iconoclastas, que constituem manifestação do eterno conflito de gerações, são absorvidos, tranqüilamente, pela sociedade, que não se deixa desviar do seu tradicional estilo de comportamento. O grave, em nosso tempo, está, no entanto, em que a juventude, ao invés de suscitar crise ou subversão de valores, já se defronta com ela, notadamente no campo ético. Não é impróprio, assim, falar-se hoje, tal qual se fazia antigamente, na corrupção da juventude por filosofias e costumes da época.

Não sei se há, entre nós, filosofias — ainda que filosofias do nada —, que concorram para a onda de dissolução de costumes, a que se assiste. Sei, porém — porque se exibem às escâncaras, com espantoso atrevimento —, que a obscenidade e a pornografia se infiltraram por toda a parte. A escalada do obsceno e do pornográfico assume proporções tais que, ao falar ao povo brasileiro, neste 15 de março, terceiro aniversário do meu Governo, não posso calar ante a vaga de desregramento moral que campeia, perante os nossos olhos, de modo desenfreado. Afirmarão os pornógrafos, parafraseando palavra famosa, que os males da pornografia e

da obscenidade se curam com mais obscenidade e pornografia. A verdade, porém, está em que tais males somente acharão remédio na resistência, a eles oposta, dos valores espirituais em que se estriba a civilização cristã sob cujos postulados vivemos e queremos continuar a viver. Não é sob o aspecto legal e jurídico que cuido, neste momento, da licenciosidade que espraia ameaçadoramente, pondo em risco a integridade dos padrões morais que nos cumpre preservar. Trato, aqui, do afrouxamento dos laços éticos, como poderia fazê-lo qualquer do povo, que sinta, no seu coração, o palpitar dos imperativos éticos. Não me arvo, por conseguinte, em guia espiritual da nacionalidade. Cumpre, no entanto, ter presente que o Estado é sobretudo um organismo ético, um ente que possui deveres para com os cidadãos que lhe formam o substrato. Faltaria, pois, o indeclinável dever do meu cargo se, como Chefe do Governo, não levantasse a voz para advertir a Nação sobre a influência deletéria da onda de erotismo e relaxamento de costumes, que se infiltra em amplos segmentos do nosso corpo social. Dir-se-á que o encargo de enfrentar e resolver esse problema incumbe ao Governo. Respondo, porém, que essa constitui uma daquelas tarefas que não é lícito descarregar, inteiramente, sobre este ou aquele órgão do Poder Público. Trata-se, aqui, de caso em que, rigorosamente, cada um é responsável por cada um, ou, em outras palavras, em que todos são responsáveis por todos. Tanto maior é essa responsabilidade quanto é certo que cerca de cinquenta por cento de nossa população é hoje constituída de jovens — cerca de quarenta e oito por cento de jovens até dezenove anos; cinquenta e seis por cento até vinte e cinco anos. Uma cruzada se faz inadiável, pois, em defesa desse precioso capital humano, contra os assaltos do permissivismo na mais degradante das suas formas. Para essa cruzada é que, aqui e agora,

convoco as nossas forças sociais mais responsáveis, de qualquer obediência, seja filosófica, seja religiosa, seja política. É, em suma, ao coração sensível e generoso, assim da própria mocidade, como dos homens e mulheres deste País, que me dirijo para encarecer a imprescindibilidade e a urgência de um largo movimento popular pela preservação dos dogmas morais e espirituais em que repousa a identidade da civilização que estamos construindo.

Boa noite.